**PROFESSORA Luciane Ribas de Andrade - luciane-randrade@educar.rs.gov.br**

**ÁREA das Linguagens Disciplina: Literatura Brasileira**

**ATIVIDADE REFERENTE AO MÊS/PERÍODO DE: 03 a 31 MAIO/2021**

**NOME DO ALUNO: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ EJA - TOTALIDADE: 8 - TURMA:80**

**IV  
1. Domina, se vive;  
2. Se morre, descansa  
3. Dos seus na lembrança,   
4. Na voz do porvir.   
5. Não cures da vida!  
6. Sê bravo, sê forte!**

**7. Não fujas da morte  
8. Que a morte há de vir!  
 V  
1. E pois que és meu filho,   
2. Meus brios reveste;  
3. Tamoio nascente,   
4. Valente serás.   
5. Sê duro guerreiro,   
6. Robusto, fragueiro,   
7. Brasão dos tamoios  
8. Na guerra e a na paz.**

**VI  
1. Teu grito de guerra   
2. Retumbe os ouvidos  
3. D´imigos transidos  
4. Por vil comoção;   
5. E tremam d´ouvi-lo  
6. Pior que o sibilo   
7. Das setas ligeiras  
8. Pior que o trovão**

**VII  
1. E a mãe nessa tabas,   
2. Querendo calados  
3. Os filhos criados  
4. Na lei do terror;   
5. Teu nome lhes diga,  
6. que a gente inimiga  
7. Talvez não escute  
8. Sem pranto, sem dor!   
 VIII  
1. Porém se a fortuna,   
2. Traindo teus passos,   
3. Te arroja nos laços  
4. Do imigo falaz!  
5. Na última hora  
6. Teus feitos memora,   
7. Tranquilo nos gestos,   
8. Impávido, audaz [...] Gonçalves Dias**

**🡺PESSOAL🡺seguiremos nossos estudos no Romantismo. No material da EJA (LIVRO) – para quem tem o livro – está na pág.( 186 e 187). O Romantismo foi dividido em “fases” ou “gerações”. Vamos a elas!**

ROMANTISMO – como já vimos nas aulas anteriores, o Romantismo... *“****Coincide com*** *o momento decisivo da* ***definição da******nacionalidade****, com propósitos expressos de reconhecer e valorizar o nosso passado histórico, embora recente, as nossas origens americanas, as tradições e legendas esboçadas, e de investigar o nosso folclore.[..].*

🡺Buscando valorizar o nosso passado histórico🡺e contribuindo para a construção de nossa identidade nacional🡺a Literatura trouxe o INDÍGENA PARA SEUS POEMAS E ROMANCES🡺 na figura de um ser heróico, um legítimo ancestral de quem o brasileiro só poderia se orgulhar.Também a aceitação do pensamento relativo ao “**bom selvagem**” de Jean Jacques Rosseau – que considera o homem como naturalmente puro, corrompendo-se em contato com a civilização – contribuiu para a imagem do indígena que se foi construindo.

**Vamos refletir a partir de dois textos que têm a presença do elemento indígena – um do século XIX – escrito por um dos maiores expoentes do Romantismo Indianista de 1ª Geração, Antônio Gonçalves Dias; o outro – do século XX – trata-se da letra de uma música de** **Marcos Valle, Paulo Sérgio Valle e Vinícius Cantuária.**

**Canção do Tamoio**

**(natalícia)  
 I  
1. Não chores, meu filho;  
2. Não chores, que a vida  
3. É luta renhida:  
4. Viver é lutar.   
5. A vida é combate,   
6. Que os fracos abate,  
7. Que os fortes, os bravos,   
8. Só pode exaltar.**

**II**  
**1. Um dia vivemos!  
2. O homem que é forte  
3. Não teme da morte;   
4. Só teme fugir;   
5. No arco que entesa  
6. Tem certa uma presa,   
7. Quer seja tapuia,   
8. Condor ou tapir.**

**III  
1. O forte, o cobarde  
2. Seus feitos inveja  
3. De o ver na peleja  
4. Garboso e feroz  
5. E os tímidos velhos  
6. Nos graves concelhos,   
7. Curvadas as frontes,  
8. Escutam-lhe a voz!**

**ATIVIDADES🡺 1ª QUINZENA**

**ESTUDO DO TEXTO:**

1. OBSERVE A FORMA DO TEXTO🡺 ESTÁ ORGANIZADO EM OITO (8) ESTROFES; está dividido em oito (8) CANTOS. **AGORA VOCÊ**🡺MARQUE AO LADO DOS VERSOS, AS RIMAS🡺 use canetas coloridas.
2. A “**Canção do Tamoio**” consiste no discurso de um pai tamoio ao filho que acaba de nascer (por isso “*natalícia*”), expondo-lhe seu conceito de existência. A partir da leitura do texto, diga qual é o conceito de existência que o pai espera do filho?

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

1. O poema retrata um costume indígena:o **ritual de antropofagia** – o do sacrifício do prisioneiro que seria devorado no ritual antropofágico e que por isso teria o direito de cantar seus feitos. LOCALIZE EM QUAL ESTROFE ISSO ESTÁ REPRESENTADO:\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_
2. OBSERVE🡺 O índio retratado por Gonçalves Dias é **idealizado**🡺os românticos o submeteram a um processo de DEFORMAÇÃO IDEALIZANTE, conferindo-lhe um comportamento semelhante ao que os escritores europeus enxergavam nos cavaleiros medievais que povoavam suas narrativas históricas. Essa deformação parece ter brotado da necessidade de encontrar para o Brasil um passado tão nobre quanto a Idade Média teria sido para a Europa. Gonçalves Dias não conseguiu evitar essa tendência de idealização do índio, apresentando-o como um “*cavaleiro medieval vestido de penas*”.

**REFLEXIONE**🡺HOJE, esse elemento formador do povo brasileiro está longe desta “idealização”. As doenças que os atacaram e os quase exterminaram quando da chegada do homem branco – no século XVI – continuam aí. Exemplo disso é o COVID-19, que tem atacado as tribos – até mesmo as mais remotas. Leia o quadro :

**O índio é o Brasil**

É... Brasil é o índio  
É... e o índio é o Brasil  
  
Tupi, Tamoio, Tapuia, Tupinambás  
Gente que a gente nem sabe mais  
Gês, Kaiapó, Kaingangs, Aimorés  
Dos rios e matas igarapés  
  
Tudo isso é... Brasil é o índio  
É... e o índio é o Brasil  
  
A terra é Bororó  
Cerrado é Kayapó  
São donos disso aqui  
Não tem mais Guaikurus, Goitacás  
Os rios tão sujos demais  
  
Tupi, Tamoios, Xavantes, Pataxós  
Ianomâmis, Kaiapós  
Jês, Tremembés, Kaingangs, Aimorés  
Esse é o Brasil que a gente quer

Tudo isso é... Brasil é o índio  
É... e o índio é o Brasil

**Marcos Valle, Paulo Sérgio Valle e Vinícius Cantuária. “Escape”.São Paulo: Trama,2020**

*“Dentro das aldeias, o idoso que pega covid-19 não tem como se isolar, não é como o branco que fica trabalhando em casa. Ele sempre está preocupado com seu povo. Não temos estrutura dentro da aldeia, não temos hospital de campanha*”, explicou ao Nexo Alessandra Karap, liderança Munduruku.

Link para matéria: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/06/21/Como-a-morte-de-idosos-por-covid-19-abala-comunidades-ind%C3%ADgenas

© 2020 | Todos os direitos deste material são reservados ao NEXO JORNAL LTDA., conforme a Lei nº 9.610/98.

**EXPLIQUE**🡺 Sabemos que a COVID-19 ATACA OS VELHOS – grupo de risco da doença – Qual é o impacto deste fato nas comunidades indígenas? (PARA RESPONDER ESSA QUESTÃO, VOCÊ PRECISARÁ BUSCAR QUAL É O PAPEL DO VELHO NAS SOCIEDADES INDÍGENAS).

**EXPLIQUE**🡺 a “DINÂMICA” que remonta ao Brasil Colônia continua a mesma: QUEM SÃO OS RESPONSÁVEIS POR LEVAR AS DOENÇAS PARA AS TRIBOS? (E DEVEMOS LEMBRAR QUE MUITOS INDÍGENAS IDOSOS VIVEM EM ÁREAS DISTANTES ATÉ DA ATENÇÃO MÉDICA BÁSICA).

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

1. A relação do nativo com a natureza também é evidenciada **na música**. Destaque o(s) verso(s) que expressa(m):
2. Elementos próprios do ambiente em que, tradicionalmente, vivem os indígenas.
3. Relação entre a destruição da natureza dos nativos.

**ATIVIDADES**🡺 **2ª QUINZENA**

🡺**Leia todos os textos que seguem.**

🡺O **Romantismo** de **2ªfase** ou **2ª geração** apresenta os seguintes representantes - obcecados pela temática da morte:

**Fagundes Varela**

**Cântico do Calvário**

*À memória de meu Filho  
morto a 11 de dezembro de 1863*  
  
Eras na vida a pomba predileta  
Que sobre um mar de angústias conduzia  
O ramo da esperança. Eras a estrela  
Que entre as névoas do inverno cintilava  
Apontando o caminho ao pegureiro.  
Eras a messe de um dourado estio.  
Eras o idílio de um amor sublime.  
Eras a glória, a inspiração, a pátria,  
O porvir de teu pai! - Ah! no entanto,  
Pomba, - varou-te a flecha do destino!  
Astro, - engoliu-te o temporal do norte!  
Teto, - caíste!- Crença, já não vives!

**Álvares de Azevedo**

**Se eu morresse amanhã!**  
Se eu morresse amanhã, viria ao menos  
Fechar meus olhos minha triste irmã;  
Minha mãe de saudades morreria  
 Se eu morresse amanhã!  
  
Quanta glória pressinto em meu futuro!  
Que aurora de porvir e que manhã!  
Eu perdera chorando essas coroas  
 Se eu morresse amanhã!  
  
Que sol! que céu azul! que doce n’ alva  
Acorda a natureza mais louçã!  
Não me batera tanto amor no peito,  
 Se eu morresse amanhã!   
  
Mas essa dor da vida que devora  
A ânsia de glória, o dolorido afã...  
A dor no peito emudecera ao menos  
 Se eu morresse amanhã!

**Casimiro de Abreu**

**Meus oito anos** Oh ! que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais !  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais !  Como são belos os dias  
Do despontar da existência !  
– Respira a alma inocência  
Como perfumes a flor;  
O mar é – lago sereno,  
O céu – um manto azulado,  
O mundo – um sonho dourado,  
A vida – um hino d’amor !

🡺**O Romantismo** de **3ªfase** ou **3ª geração** tem seu ponto alto na voz do REPUBLICANO, ABOLICIONISTA e CONDOREIRO **Antônio Frederico de Castro Alves.**

**Vamos retomar uma data – 13 DE MAIO DE 1888🡺 DATA em que foi assinada pela Princesa Isabel, a LEI ÁUREA 🡺 declarando extinta a escravidão no Brasil🡺 teoricamente livres, mas sem medidas que os integrassem à sociedade, os negros continuavam desprotegidos, discriminados e marginalizados.**

**O Brasil foi o último país do mundo a abolir a escravidão e a campanha abolicionista durou dezoito anos – de 1870 a 1888. Então, por mais de três séculos, o negro escravizado impulsionou a economia brasileira.**

**Entre 1550 e 1555, para substituir a mão-de-obra indígena, foram trazidos do continente africano cerca de quatro milhões de escravos. AQUI CHEGADOS, TODOS NÓS SABEMOS O HORROR QUE NOSSOS ANCESTRAIS NEGROS PASSARAM🡺HORROR!!!**

**VAMOS REFLETIR ESSAS LEIS 🡺 QUE FORAM GRADUAIS🡺 OBSERVE 🡺 À MEDIDA EM QUE A MÃO-DE-OBRA ESCRAVA ERA SUBSTITUÍDA PELO TRABALHO ASSALARIADO:**

**# 28/09/1871: LEI DO VENTRE LIVRE🡺 os filhos da mulher escrava, nascidos a partir dessa data, seriam considerados livres. Na realidade, porém, não houve alteração, pois o senhor da mãe conservava o direito aos serviços gratuitos dos menores até aos 21 anos completos.**

**# 28/09/1885: LEI DO SEXAGENÁRIO🡺 declara livres os escravos com mais de 65 anos. Na prática, quem estava se libertando da responsabilidade era o dono de escravos, pois com 65 anos e após uma vida sofrida, essa mão-de-obra era improdutiva.**

**# 13/05/1888: LEI ÁUREA.**

Em meados do século XIX, esse poeta indignado e comprometido com as causas de seu tempo escreveu poemas de engajamento com as causas **ABOLICIONISTAS**. Ele ficou conhecido como o **POETA DOS ESCRAVOS. O poeta CONDOREIRO (poeta que possuía uma linguagem “elevada”, bem construída). Enquadrado na estética chamada ROMANTISMO de 3ª fase.**

**VEJAMOS ALGUNS DE SEUS VERSOS – RETIRADOS do belíssimo poema “NAVIO NEGREIRO”, da obra “OS ESCRAVOS”.**

**O Navio Negreiro  
 Tragédia no mar  
 IV**Era um sonho dantesco... o tombadilho   
Que das luzernas avermelha o brilho.   
Em sangue a se banhar.  
Tinir de ferros... Estalar de açoite...  
Legiões de homens negros como a noite,  
Horrendos a dançar...  
  
Negras mulheres, suspendendo às tetas  
Magras crianças, cujas bocas pretas  
rega o sangue das mães:  
Outras moças, mas nuas e espantadas,   
No turbilhão de espectros arrastadas,   
Em ânsia e mágoa vãs!   
  
E ri-se a orquestra irônica, estridente...  
E da ronda fantástica a serpente  
Faz doudas espirais...  
Se o velho arqueja, se no chão resvala,   
Ouvem-se gritos... O chicote estala.  
E voam mais e mais...

Os versos de Castro mostram o momento de trazida dos negros africanos para o Brasil – EM SITUAÇÃO DE ESCRAVIDÃO. Em relação ao fragmento do poema de Castro, responda:

**1)**Em que situação vinham essas pessoas, segundo o texto?

**2)**No fragmento temos como dizer quem eram – descreva-os.

**3)**Procure no dicionário o significado da palavra “*dantesco*”. **Explique**: era um “*sonho*” ou um pesadelo?

**4)**Que “*dança*” é essa a que o texto se refere?

**5)**Por que “*espectros*”? Explique a palavra usada dentro do contexto do texto.

**6)**Explique quem é essa “*serpente*”.

🡺**Reflexione e escreva um parágrafo posicionando-se em relação ao que segue**🡺 Castro escreveu estes versos em 18 de abril de 1868, passados exatamente 153 anos; vivíamos sob a vergonha do momento escravocrata, neste país. E NOS ÚLTIMOS ANOS continuamos a assistir pelas diferentes emissoras de televisão, notícias terríveis de racismo, crimes hediondos têm sido cometidos e têm repercutido mundialmente.

🡺A **prosa ultrarromântica** brasileira: “**Noite na taverna**”, texto de Álvares de Azevedo. LEIA O CONTO.

**SOLFIERI**

Sabei-lo. Roma é a cidade do fanatismo e da perdição: na alcova do sacerdote dorme a gosto a amásia, no leito da vendida se pendura o Crucifixo lívido. É um requintar de gozo blasfemo que mescla o sacrilégio à convulsão do amor, o beijo lascivo à embriaguez da crença!

Era em Roma. Uma noite a lua ia bela como vai ela no verão pôr aquele céu morno, o fresco das águas se exalava como um suspiro do leito do Tibre. A noite ia bela. Eu passeava a sós pela ponte de...

As luzes se apagaram uma por uma nos palácios, as ruas se fazias ermas, e a lua de sonolenta se escondia no leito de nuvens. Uma sombra de mulher apareceu numa janela solitária e escura. Era uma forma branca. — A face daquela mulher era como a de uma estátua pálida à lua. Pelas faces dela, como gotas de uma taça caída, rolavam fios de lágrimas.

Eu me encostei a aresta de um palácio. A visão desapareceu no escuro da janela... e daí um canto se derramava. Não era só uma voz melodiosa: havia naquele cantar um como choro de frenesi, um como gemer de insânia: aquela voz era sombria como a do vento a noite nos cemitérios cantando a nênia das flores murchas da morte.

Depois o canto calou-se. A mulher apareceu na porta. Parecia espreitar se havia alguém nas ruas. Não viu a ninguém: saiu. Eu segui-a.

A noite ia cada vez mais alta: a lua sumira-se no céu, e a chuva caía as gotas pesadas: apenas eu sentia nas faces caírem-me grossas lágrimas de água, como sobre um túmulo prantos de órfão.

Andamos longo tempo pelo labirinto das ruas: enfim ela parou: estávamos num campo.

Aqui, ali, além eram cruzes que se erguiam de entre o ervaçal. Ela ajoelhou-se. Parecia soluçar: em torno dela passavam as aves da noite.

Não sei se adormeci: sei apenas que quando amanheceu achei-me a sós no cemitério. Contudo a criatura pálida não fora uma ilusão: as urzes, as cicutas do campo-santo estavam quebradas junto a uma cruz.

O frio da noite, aquele sono dormido à chuva, causaram-me uma febre. No meu delírio passava e repassava aquela brancura de mulher, gemiam aqueles soluços e todo aquele devaneio se perdia num canto suavíssimo...

Um ano depois voltei a Roma. Nos beijos das mulheres nada me saciava: no sono da saciedade me vinha aquela visão...

Uma noite, e após uma orgia, eu deixara dormida no leito dela a condessa Bárbara. Dei um último olhar àquela forma nua e adormecida com a febre nas faces e a lascívia nos lábios úmidos, gemendo ainda nos sonhos como na agonia voluptuosa do amor. Saí. Não sei se a noite era límpida ou negra; sei apenas que a cabeça me escaldava de embriaguez. As taças tinham ficado vazias na mesa: nos lábios daquela criatura eu bebera até a última gota o vinho do deleite...

Quando dei acordo de mim estava num lugar escuro: as estrelas passavam seus raios brancos entre as vidraças de um templo. As luzes de quatro círios batiam num caixão entreaberto. Abri-o: era o de uma moça. Aquele branco da mortalha, as grinaldas da morte na fronte dela, naquela tez lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados... Era uma defunta! ... e aqueles traços todos me lembraram uma ideia perdida. . — Era o anjo do cemitério? Cerrei as portas da igreja, que, ignoro por que, eu achara abertas. Tomei o cadáver nos meus braços para fora do caixão. Pesava como chumbo...

Sabeis a história de Maria Stuart degolada e o algoz, "do cadáver sem cabeça e o homem sem coração" como a conta Brantôme? — Foi uma ideia singular a que eu tive. Tomei-a no colo. Preguei-lhe mil beijos nos lábios. Ela era bela assim: rasguei-lhe o sudário, despi-lhe o véu e a capela como o noivo as despe a noiva. Era mesmo uma estátua: tão branca era ela. A luz dos tocheiros dava-lhe aquela palidez de âmbar que lustra os mármores antigos. O gozo foi fervoroso — cevei em perdição aquela vigília. A madrugada passava já frouxa nas janelas. Àquele calor de meu peito, à febre de meus lábios, à convulsão de meu amor, a donzela pálida parecia reanimar-se. Súbito abriu os olhos empanados. Luz sombria alumiou-os como a de uma estrela entre névoa, apertou-me em seus braços, um suspiro ondeou-lhe nos beiços azulados... Não era já a morte: era um desmaio. No aperto daquele abraço havia contudo alguma coisa de horrível. O leito de lájea onde eu passara uma hora de embriaguez me resfriava. Pude a custo soltar-me daquele aperto do peito dela... Nesse instante ela acordou…

Nunca ouvistes falar da catalepsia? É um pesadelo horrível aquele que gira ao acordado que emparedam num sepulcro; sonho gelado em que sentem-se os membros tolhidos, e as faces banhadas de lágrimas alheias sem poder revelar a vida!

A moça revivia a pouco e pouco. Ao acordar desmaiara. Embucei-me na capa e tomei-a nos braços coberta com seu sudário como uma criança. Ao aproximar-me da porta topei num corpo; abaixei-me, olhei: era algum coveiro do cemitério da igreja que aí dormira de ébrio, esquecido de fechar a porta .

Saí. Ao passar a praça encontrei uma patrulha.

— Que levas aí?

A noite era muito alta: talvez me cressem um ladrão.

— É minha mulher que vai desmaiada...

— Uma mulher!... Mas essa roupa branca e longa? Serás acaso roubador de cadáveres?

Um guarda aproximou-se. Tocou-lhe a fronte: era fria.

— É uma defunta...

Cheguei meus lábios aos dela. Senti um bafejo morno. — Era a vida ainda.

— Vede, disse eu.

O guarda chegou-lhe os lábios: os beiços ásperos roçaram pelos da moça. Se eu sentisse o estalar de um beijo... o punhal já estava nu em minhas mãos frias...

— Boa noite, moço: podes seguir, disse ele.

Caminhei. — Estava cansado. Custava a carregar o meu fardo; e eu sentia que a moça ia despertar. Temeroso de que ouvissem-na gritar e acudissem, corri com mais esforço.

Quando eu passei a porta ela acordou.

O primeiro som que lhe saiu da boca foi um grito de medo...

Mal eu fechara a porta, bateram nela.

Era um bando de libertinos meus companheiros que voltavam da orgia. Reclamaram que abrisse.

Fechei a moça no meu quarto, e abri.

Meia hora depois eu os deixava na sala bebendo ainda. A turvação da embriaguez fez que não notassem minha ausência.

Quando entrei no quarto da moça vi-a erguida. Ria de um rir convulso como a insânia, e frio como a folha de uma espada. Trespassava de dor o ouvi-la.

Dois dias e duas noites levou ela de febre assim... Não houve como sanar-lhe aquele delírio, nem o rir do frenesi. Morreu depois de duas noites e dois dias de delírio.

À noite saí; fui ter com um estatuário que trabalhava perfeitamente em cera, e paguei-lhe uma estátua dessa virgem.

Quando o escultor saiu, levantei os tijolos de mármore do meu quarto, e com as mãos cavei aí um túmulo. Tomei-a então pela última vez nos braços, apertei-a a meu peito muda e fria, beijei-a e cobri-a adormecida do sono eterno com o lençol de seu leito. Fechei-a no seu túmulo e estendi meu leito sobre ele.

Um ano — noite a noite — dormi sobre as lajes que a cobriam. Um dia o estatuário me trouxe a sua obra. Paguei-lha e paguei o segredo...

— Não te lembras, Bertram, de uma forma branca de mulher que entreviste pelo véu do meu cortinado? Não te lembras que eu te respondi que era uma virgem que dormia?

— E quem era essa mulher, Solfieri?

— Quem era? seu nome?

— Quem se importa com uma palavra quando sente que o vinho lhe queima assaz os lábios? quem pergunta o nome da prostituta com quem dormia e que sentiu morrer a seus beijos, quando nem há dele mister por escrever-lho na lousa?

Solfieri encheu uma taça e bebeu-a. Ia erguer-se da mesa quando um dos convivas tomou-o pelo braço.

— Solfieri, não é um conto isso tudo?

— Pelo inferno que não! por meu pai que era conde e bandido, por minha mãe que era a bela Messalina das ruas, pela perdição que não! Desde que eu próprio calquei aquela mulher com meus pés na sua cova de terra, eu vô-lo juro — guardei-lhe como amuleto a capela de defunta. Ei-la!

Abriu a camisa, e viram-lhe ao pescoço uma grinalda de flores mirradas.

—Vede-la murcha e seca como o crânio dela!

🡺Este texto é o **2º conto** de “**Noite na Taverna**”, ele contém muitas características da 2ª fase romântica.

A obra usa um artifício interessante: Jovens, reunidos em uma taverna suja e mal iluminada, são servidos de vinho por uma taverneira. Pelos cantos mulheres embriagadas dormem – cada um deles, movidos pelo álcool, irá contar suas situações “densas” de vida. Movidos pela curiosidade, todos escutam a história a ser narrada. A história acima é narrada por “Solfieri”. Os títulos dos contos serão os nomes dos narradores. As histórias se passam na Europa.

Após a leitura do conto, faça as atividades que seguem.

**1-**O ULTRARROMANTISMO é marcado pelo clima de um amor EXACERBADO. EXPLIQUE como isso se dá no conto.

**2-**Retire exemplo de SUBJETIVIDADE.

**3-**Onde se passa a história contada por “Solfieri” – qual seu espaço?

**4-**O ponto alto do conto – o seu clímax – acontece quando. Explique.

**5-**Procure no dicionário e copie o significado de “necrofilia”. Isso acontece no conto? EXPLIQUE.

**6-**Retrate momentos típicos de 2ª geração: a presença de álcool.

**7-**“Solfieri”, o narrador, dá provas do que aquilo que conta realmente aconteceu. O que ele tem e mostra que guardou como lembrança?

🡺A prosa do Romantismo apresenta-nos OBRAS PRIMAS: “**Iracema**” (livro da EJA pág.188 – 190) e “**O guarani**”, de José de Alencar;

“**Memórias de um sargento de milícias**”, de Manuel Antônio de Almeida; “**A Moreninha**”, de Joaquim Manuel de Macedo e outros tantos autores e obras. Leia-os, eles fazem parte do patrimônio Linguístico Nacional. Aproveite esse momento de reclusão forçada.

**1. Leia o fragmento da obra “Iracema”, de José de Alencar**:

**II**

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa de graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da Jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-se o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho; o aljôfar d`água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz à selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz a espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d`alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

--- Quebras comigo a flecha da paz?

--- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

--- Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

--- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos do tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

ALENCAR, José de. **Iracema**. São Paulo: Ática, 1995, p. 16-1

**VOCABULÁRIO:**

**Graúna**: pássaro de cor negra.

**Jati**: pequena abelha.

**Aljôfar**: gotas de água assemelhadas a pérolas muito miúdas.

**Ará**: periquito.

**Campear**: viver em acampamento.

**Crautá**: espécie de bromélia.

**Esparzir**: espalhar.

**Gará**: ave típica de áreas pantanosas.

**Ignoto**: desconhecido.

**Ipu**: região de terra bastante fértil.

**Juçara**: palmeira de grandes espinhos.

**Lesto**: rápido, ágil.

**Oiticica**: árvore frondosa.

**Quebrar a flecha**: maneira simbólica de estabelecer a paz entre indígenas.

**Rorejar**: molhar com pequenas gotas como o orvalho.

**Uiraçaba**: estojo próprio para guardar e transportar flechas.

**Uru**: cesto em que se guardam objetos

**Responder**:

**1- No capítulo lido, a personagem principal é apresentada ao leitor. Escreva algumas características dessa personagem**:

a) Características físicas:

b) Habilidades (o que sabe fazer):

**2- Localize no texto os parágrafos referentes**:

a) à situação inicial:

b) à desestabilização da situação inicial:

c) à volta a uma situação estável:

**3- Ao perceber a presença de um estranho na floresta, Iracema tem uma reação instintiva e atira uma flecha no “guerreiro branco**”.

a) De acordo com o texto, por que o “guerreiro branco” não reagiu agressivamente ao “ataque” de Iracema?

b) Como Iracema se sentiu logo depois de ter ferido o estranho? O que ela fez em seguida?

**4- O que o primeiro contato entre Iracema e Martim, o “guerreiro branco”, revela sobre**:

a) O caráter das personagens:

b) Um possível envolvimento amoroso entre as personagens:

c) A visão do autor sobre a relação entre colonizador e nativo: